

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

MARIANE NOLA GUIDARINI

**ENSINO DA ARTE PARA O ALUNO SURDOCOM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL
NAS ESCOLAS ESPECIAIS/APAES DA AMREC**

CRICIÚMA

2012

MARIANE NOLA GUIDARINI

**ENSINO DA ARTE PARA O ALUNO SURDO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL
NAS ESCOLAS ESPECIAIS/APAES DA AMREC**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciatura no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof. (a) Simone Das Graças Nogueira Feltrin

CRICIÚMA

2012

MARIANE NOLA GUIDARINI

**ENSINO DA ARTE PARA O ALUNO SURDO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL
NAS ESCOLAS ESPECIAIS/APAES DA AMREC**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Arte e Educação.

Criciúma, 26 de Novembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Simone das Graças –Especialista - UNESC - Orientadora

Prof. Edina Regina Baumer– Mestre - UNESC

Prof. Barbara PanatoVitali – Especialista - BAGOZZI

Dedico este trabalho aos meus avós paternos Carlos e Maria “In Memoriam” e maternos Lorentino e Dionysia, pela existência dos meus pais José e Ieda, pois sem eles este trabalho e muitos outros de meus sonhos que vivi não teriam se realizado.

AGRADECIMENTOS

É difícil agradecer um por um dos que passaram pela minha trajetória durante esses quatro anos, mas gostaria de agradecer a todos de coração e de maneira geral.

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus. Obrigada por toda força, confiança e proteção, durante minha caminhada, pois sem você, nada se tornaria realidade.

Gostaria de agradecer os meus pais José e Ieda, pela determinação, luta e confiança na minha formação, fazendo amparar os ensinamentos de meus avós que mencionei acima. Obrigada pelo incentivo e pela admiração que me deram, a favor deste curso, que agora tenho o orgulho de concluir. Obrigada mãe pelas inúmeras noites que me esperou acordada preocupada com o horário que eu chegava da faculdade. Saiba que a tua história de superação para poder estudar, atravessando quilômetros em estradas de chão, no barro, a noite, no frio e na chuva, me deu força e motivação para que hoje nós comemorássemos essa vitória. Obrigado mãe e pai pelos sacrifícios que vocês fizera em razão da minha educação. Eu sei que não foram poucos. Inúmeros obrigada pai e mãe. Essa conquista também é de vocês.

Agradecer aos meus irmãos Pricila e Guilherme, que por mais difíceis que foram as situações sempre me deram apoio, tiveram cooperação e paciência.

Agradecer o meu namorado Thiago que foi um dos maiores responsáveis de eu ter iniciado e concluído minha faculdade. Sem dúvidas, foi um dos melhores presentes que recebi nos últimos quatro anos. Obrigado meu amor por tudo o que você transformou na minha vida. Obrigado pelo teu carinho, tua alegria, tua atenção, tua vibração com as minhas conquistas e teu ombro em cada momento difícil que você ajudou a atravessar. Sem você, essa conquista não teria o mesmo gosto.

Agradecer de alguma forma, o meu cachorro Billy, que alegra minha casa e minha vida, e que durante 07 anos sempre foi e será meu melhor companheiro, escudeiro e fiel amigo que já pude encontrar.

Agradecer também a toda minha família em geral, tios, padrinhos, primos, sogro, sogra, cunhada, que de alguma forma me deram carinho e incentivo necessário para seguir em frente.

Agradeço minha madrinha Janete, que apesar da distância sempre me admirou e acreditou em mim. Nunca mediu esforços para me colocar pra cima e depositar sua toda confiança em qualquer atitude que fosse, sobretudo, acreditando

no meu potencial.

Agradeço aos meus colegas de sala, companheiro da jornada, e que tenho certeza que serão futuros excelentes profissionais.

Aos meus amigos de trabalho da APAE, minha segunda casa e escola. Dedico esse trabalho principalmente a esses colegas que tive e tenho o privilégio de trabalhar, com quem pude aprender, com aqueles que tiveram paciência com os meus erros. Sou muito grato por toda a experiência que adquiri com cada um de vocês amigos da APAE.

Agradeço aos professores que desempenharam com muita dedicação todas as aulas ministradas.

E agradeço imensamente a minha querida, paciente e admirável orientadora, que teve a paciência de me ajudar parte por parte deste trabalho, e por ser uma excelente professora e profissional. Esta conquista não seria alcançada sem você.

Obrigada a todos que mesmo não estando citados aqui, contribuíram para eu ser a pessoa que sou hoje. Este muito obrigada nunca será suficiente a altura para demonstrar o que recebi de todos vocês. Que Deus os abençoe.

“Que todo o meu ser louve ao Senhor, e que eu não esqueça nenhuma das suas bênçãos!” Salmos 103:2

**“Os grandes artistas geralmente são
assim:diferentes, sensíveis e especiais.”
(Anônimo)**

RESUMO

A pesquisa intitulada 'Ensino da arte para o aluno surdo com deficiência intelectual nas escolas especiais/APAES da AMREC', traz como principal objetivo e problema gerador, analisar qual a proposta de ensino utilizada pelos professores de artes para alunos surdos com deficiência intelectual das escolas especiais pertencentes à AMREC, de forma a contribuir para o aprimoramento das atividades pedagógicas realizadas nas escolas especiais. A metodologia utilizada para a efetivação do estudo foi de abordagem qualitativa e exploratório-descritiva, com perguntas abertas e fechadas. A coleta dos dados foi realizada nas escolas especiais/APAES da AMREC, envolvendo cinco professores que lecionam arte para alunos surdos e com deficiência intelectual. Em seguida realizamos a análise dos dados coletados, o que nos permitiu inferir que os professores utilizam de diferentes estratégias para ensinar a linguagem artística, mas, não fazem adaptação para incluir alunos surdos com deficiência intelectual na realização de atividades. Através desta pesquisa ficou evidente que os professores têm dificuldade em trabalhar com o aluno surdo e com deficiência intelectual, pela falta de comunicação, que deveria ser em língua de sinais, isso torna mais complexa a realização dos trabalhos, na qual os alunos não compreendem a atividade proposta, mas fazem, olhando os seus pares. Entendemos que seja possível a utilização de língua sinais ou uma comunicação alternativa, desde que os alunos possam compreender e serem compreendidos, através desta comunicação, para não ficarem a mercê de reproduções de trabalho dos colegas e possam nos mostrar sua criatividade através das diferentes linguagens artísticas que são desenvolvidas nas escolas especiais.

Palavras-chave: Surdez. Deficiência Intelectual. Ensino da Arte. Educação Especial.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Turmas que os alunos surdos com deficientes intelectuais frequentam ..	29
Tabela 2: Diagnóstico de Deficiência	30
Tabela 3: Formação dos professores.....	31
Tabela 4: ACT ou Efetivo.....	32
Tabela 5: Comunicação estabelecida com o aluno surdo e professor do ensino de arte na Escola Especial.....	32
Tabela 6: Diferentes linguagens para ensinar arte na APAE.....	33
Tabela 7: Espaço utilizado para ensinar arte.....	33
Tabela 8: Atividades iguais para toda turma ou adaptada para o aluno surdo.....	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

LIBRAS - Linguagem Brasileira de Sinais

APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

FENAPAES – Federação Nacional das APAES

SAEDE - Serviço de Atendimento Educacional Especializado

AMREC - Associação dos Municípios da Região Carbonífera

TID - Transtorno Invasivo do Desenvolvimento

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

ONU - Organização das Nações Unidas

FCEE – Fundação Catarinense de Educação Especial

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. TRAJETÓRIA HISTÓRICA DAS ESCOLAS ESPECIAIS	14
3. COMPREENDENDO A DEFICIÊNCIA INTELECTUAL ASSOCIADA À SURDE 19	
4. ENSINO DA ARTE NAS APAES	23
5. METODOLOGIA	27
6. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	29
7. PROJETO DE CURSO	37
8. CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS.....	43

INTRODUÇÃO

A arte vem aos poucos se destacando nas Escolas Especiais, do mesmo modo em que é inserida em escolas regulares, e pode ser abordada utilizando-se de diversas linguagens e formas pelas quais, o ser humano pode expressar suas ideias, pensamentos e explorar sua imaginação.

É através da arte que nós criamos, imaginamos e produzimos. Nesse sentido, o papel do professor é estimular o aluno para seu lado criativo, desenvolvendo suas sensibilidades e percepções sobre o mundo da arte.

Pelo terceiro ano consecutivo, sou professora de arte em uma associação de pais e amigos dos excepcionais – APAE, localizada no município de Nova Veneza – SC. Sabemos que nas escolas especiais, há somente alunos com deficiências e as mais diversas, portanto o professor que optar em lecionar em uma dessas escolas, deve estar, sobretudo, preparado para trabalhar esta diversidade. Diferenciado da escola regular, os atendimentos na maioria dos casos são individuais, o processo é lento e repetitivo, e as estratégias de ensino devem ser muito bem elaboradas.

As turmas são divididas conforme o grau de deficiências. Existe a turma do SAEDE¹, para alunos que frequentam paralelamente a escola regular. A Oficina Protegida Terapêutica, onde os alunos têm deficiência moderada, trabalha-se a autonomia e também os prepara para inserção no mercado de trabalho. A Estimulação Essencial atende crianças de 0 a 4 anos, com atraso no desenvolvimento neuropsicomotor, e a turma de Serviço Pedagógico Específico (Ocupacional), atende alunos com deficiência severa.

Durante o período, em que estou lecionando nesta escola, encontro dificuldade em trabalhar a arte com uma aluna que possui surdez. A mesma está inserida na turma da oficina protegida terapêutica, na qual e em muitas atividades, sinto dificuldade em explicar tais propostas. Muitas vezes, não tenho o resultado esperado, pois ao explicar certa atividade, esta aluna não compreende e acaba por fazer uma produção semelhante ou igual ao do colega. Mediante esta problemática, senti a necessidade em conhecer o trabalho dos professores de outra

¹Serviços de Atendimento Educacional Especializado

APAES, da AMREC, e de que forma é trabalhado com aluno surdo e com deficiência intelectual, para que ele entenda o objetivo das atividades propostas.

A pesquisa abordou como tema principal o ensino da arte para o aluno surdo/deficiência intelectual nas escolas especiais/APAES da AMREC, procurando compreender as atividades pedagógicas desenvolvidas nestas escolas especiais e, principalmente a forma de como os professores se comunicam com estes alunos. Com o presente estudo pretende-se contribuir significativamente para a escola especial, a fim dar maior visibilidade ao trabalho dos professores de artes, que encontraram inúmeras dificuldades, entre elas, a comunicação, fazem com que os alunos com deficiência participem de mostra cultural e festivais, brilhantemente.

Diante deste contexto, para responder ao problema da pesquisa, temos como principal objetivo: analisar qual a proposta de ensino utilizada pelos professores de artes para alunos surdos com deficiência intelectual das escolas especiais pertencentes à AMREC. Tendo como objetivos específicos: Conhecer propostas e recursos que auxiliem na prática do professor; identificar a forma de comunicação utilizada pelos professores; desvendar possíveis resultados referentes a dificuldades encontradas no meu cotidiano para que eu possa proporcionar atividades com mais qualidade; aplicar um projeto de curso que aborde a surdez na educação especial, trazendo novos recursos de especialização a professores.

As questões que nortearam a pesquisa foram: De que forma os professores das APAES da AMREC trabalham a Arte com alunos que possuem surdez? Qual a proposta de ensino abordada por esses professores das APAES? Os professores dessas APAES tem repertório no ensino de arte para trabalhar com o aluno surdo? Os alunos surdos são atendidos individualmente ou juntamente com os demais alunos? (ex: portadores de Síndrome de Down, deficiência leve/moderada); Existe alguma adaptação ou modificação nas atividades e materiais que possa atender melhor este aluno? É através desses questionamentos que tentarei chegar a alguns objetivos ou ter alguma resposta que possa auxiliar na minha prática de ensino de arte. Enfim, conhecer recursos e propostas utilizados por estes professores; compreender o método utilizado para comunicar-se, e a partir da pesquisa desvendar meios que possibilitem um resultado melhor em meu trabalho. Ao finalizar minha pesquisa, pretendo preparar um curso para professores de artes, sobre o ensino com alunos surdos.

O estudo proposto aconteceu dentro da Linha de pesquisa Arte e

Educação, e enquanto educadora desta área, pretendo encontrar métodos que viabilizem o trabalho, dando maior motivação aos alunos surdos com deficiência intelectual e conseqüentemente proporcionar um ensino de mais qualidade.

2. TRAJETÓRIA HISTÓRICA DAS ESCOLAS ESPECIAIS

As primeiras iniciativas brasileiras referentes ao serviço de atendimento às pessoas com deficiência aconteceram com a criação do Instituto Imperial Instituto dos Meninos Cegos, hoje, chamando-se Instituto Benjamin Constant – IBC, e o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, e hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, ambos iniciados no ano de 1857. (SANTA CATARINA, 2009).

No início do Século XX, nos Estados Unidos foi criado a *National Association for Retarded Children*, que exerceu uma grande influência inspirando vários países do Brasil, tendo como precursor a cidade do Rio de Janeiro, criando em 1954 a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE. Já em Santa Catarina a primeira APAE foi organizada no município de Brusque no ano de 1955. No entanto, a iniciativa pioneira na implantação do serviço de atendimento voltado a pessoa com deficiência mental, ocorreu na cidade de Canoas, no Rio Grande do Sul em 1926, com a Sociedade Pestalozzi. (SANTA CATARINA, 2009).

No estado de Santa Catarina, as ideias iniciantes sobre a educação especial organizaram-se em 1954, quando o professor João Barroso Júnior, técnico de educação do Ministério de Educação e Cultura, fez uma visita a Florianópolis e veio então divulgar o INES do Rio de Janeiro. Somente no ano de 1957, se inicia o atendimento ao público na área da educação especial, funcionando assim, uma classe especial para crianças deficiente, hoje nomeada, Grupo Escolar Barreiros Filhos. (SANTA CATARINA, 2009).

Na década de 60, a lei que normatizava a educação em nível nacional era a nº 4.024/61, Artigo 88: “A educação de excepcionais deve, no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de educação, a fim de integrá-los na comunidade.” No seu Artigo 89, citava o compromisso dos poderes públicos em subsidiar financeiramente a iniciativa para a criação dos serviços especiais.

De acordo com o Decreto nº 692, no ano de 1963, o governo do Estado determinou o funcionamento dos serviços de educação especial, que fazia parceria com a iniciativa privada, cuja contrapartida do estado seria a provisão dos serviços e a disponibilidade de professores.

O grande avanço dos serviços ligados a educação especial em Santa Catarina veio exigir a criação de uma instituição pública que tivesse como função

definir as diretrizes de funcionamento da educação especial que promovesse a capacitação de recursos humanos e a realização de estudos e pesquisas que fizessem um paralelo com a prevenção, assistência e integração da pessoa com deficiência. A partir desses objetivos, foi criada a Fundação Catarinense de Educação Especial – FCEE, em 06 de maio de 1968. (SANTA CATARINA, 2009).

O Estado de Santa Catarina, no ano de 1969, através da lei nº 4.394, Artigo 91 afirmava que:

[...] a educação de excepcionais deve, no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de educação, a fim de integra-los na comunidade e, conforme as deficiências apresentadas, poderá ser proporcionada em classes anexas a estabelecimentos comuns ou em unidade independentes.

Na década de 70, a educação especial foi influenciada pelo Princípio de Normatização, onde tinha como objetivo o direito que todos têm de expressarem um estilo de vida considerado normal em sua cultura.

Em 1971, no Brasil, as Diretrizes e Bases do Ensino de 1º e 2º grau, Lei da lei nº 5.692/71, art. 9º, assegurava “[...] tratamento especial para os alunos que apresentam deficiências físicas ou mentais, os que se encontrem em atraso considerável quanto á idade regular de matrícula e os superdotados [...]”. Já em Santa Catarina, em 1977, a FCEE criou e executou o projeto “Montagem de currículo para educação especial: criação de classes especiais”, com o propósito de inserir classes especiais nas escolas regulares. Este projeto foi aprovado pelo Conselho Estadual de Educação, através do parecer nº 139, de agosto de 1978, que seguia o Programa de ação integrada para o atendimento do excepcional em Santa Catarina, que trouxe novas diretrizes para a implantação de classes especiais no ensino regular, como objetivo geral de “[...] atender alunos deficientes mentais educáveis em classe especiais nos estabelecimentos da rede oficial de ensino” (apud SANTA CATARINA, 2002, p.35). Foi criada neste mesmo ano, uma sala multimeios para deficientes sensoriais, em seguida, denominada sala de recursos. Essas ações foram responsáveis pela criação do Serviço de Supervisão Regional de Educação Especial – SURESP, com a finalidade de dinamizar as atividades da educação especial nas regiões do estado.

O atendimento a pessoa com deficiência física, com ou sem comprometimento mental, inicialmente era realizado pelo Centro de Reabilitação

Neurológica (1972), em seguida a partir do ano de 1979, passou a ser feito pela Associação Santa Catarina de Reabilitação – ASCR. (SANTA CATARINA, 2009).

A Fundação Catarinense de Educação Especial, em 1980, com o projeto “Serviço de Atendimento ao Deficiente Físico”, redefiniu a modalidade de atendimento, dando preferência ao aluno com paralisia cerebral, mas sem comprometimento mental.

Na década de 80 houve um redimensionamento nos movimentos mundiais da educação especial, entre essas a “Carta dos Anos 80”, proclamada pela ONU, onde mantinham elementos que caracterizava as diretrizes: “[...] é o objetivo de todas as nações reduzir a ocorrência de deficiência e desenvolver sociedades que respeitem os direitos das pessoas com limitações e aceitem a sua participação plena” (apud SANTA CATARINA, 2002, p. 37).

Com o reflexo desses documentos, criaram no Brasil a Comissão Nacional do Ano Internacional das Pessoas Deficientes – AIPD, onde defendem a participação e interação plena da pessoa com deficiência na sociedade.

[...] participação (envolvimento de todos os setores da sociedade), integração (esforços de todos para integrar na sociedade o educando com necessidades especiais), normatização (possibilitar vida tão normal quanto possível), interiorização (expandir o atendimento ao interior e valorizar as iniciativas comunitárias relevantes) e simplificação (opção por alternativas simples sem prejuízo dos padrões de qualidade) (MAZZOTTA, apud SANTA CATARINA, 2002, p.40).

Em Santa Catarina, a FCEE, buscou fazer ligações e articulações entre o ensino regular e o ensino especial. O Conselho Estadual de Educação, conforme a resolução nº 06/84, elaborou normas para a educação especial prevendo a ampliação das classes especiais de 142 para 2.000, na rede de ensino regular, para poder atender a demanda de alunos, levando em conta os benefícios que os alunos iriam ser com este atendimento.

Em 1987, a Secretaria Estadual de Educação, constatou que uma quantidade de 2.000 crianças em idade escolar não frequentavam as escolas por não ter acesso a ela. Isso provocou o estabelecimento de Plano de Ação da SED para o quadriênio 1988- 1991, com o objetivo de garantir a escolarização a todas as crianças dessa faixa etária. (SANTA CATARINA, 2009).

Tal plano desenvolveu a criação de cinco diretrizes quanto ao educando com deficiência. Que são:

- Acesso ao ensino regular de educandos com deficiência, assegurado pela matrícula compulsória;
- Permanência mediante a expressão das modalidades alternativas de atendimento (salas de recursos para deficientes sensoriais, salas de apoio pedagógico para deficiente mental leve e salas de atendimento alternativo para deficientes mentais moderados, severos e profundos, nas localidades onde não houvesse escolas especiais);
- Descentralização administrativa com a implementação das equipes regionais de educação especial;
- Reorganização curricular para a elaboração da proposta curricular do Estado;
- Pesquisa e extensão para a capacitação de educadores e desenvolvimento de ajudas técnicas. (SANTA CATARINA, 2009).

Surgem novos conceitos e paradigmas no mundo todo, com o objetivo de garantir os direitos, respeito á diversidade e cidadania das pessoas com algum tipo de deficiência, circulando movimentos sociais sobre a inclusão, iniciados a partir de 1990, pela Conferência Mundial sobre Educações para Todos, realizada na Tailândia, cuja declaração assumida pelos países que aderiram a inclusão assumiam que “[...] a educação é um direito fundamental de todos, mulheres e homens, de todas as idades, no mundo inteiro” (BRASIL, 2004, p.15).

No ano de 1999, registra-se a criação da Auto defensoria das pessoas com deficiência mental, formada pelos alunos da APAE, escolhidos como auto defensores, para exercerem a representação dos três níveis:

- Nacional: Auto Defensor Nacional (Federação Nacional das APAES – FENAPAEs);
- Estadual: Auto Defensor Estadual (Federação do Estado);
- Regional: Auto Defensor Regional (Conselho Regional); (SANTA CATARINA, 2009).

O Estado de Santa Catarina em 2001 elaborou um documento “políticas de Educação Inclusiva”, baseando-se nos princípios constitucionais da cidadania, democracia e participação social, tendo em vista a educação pública gratuita e de qualidade a todos.

Em 2004, a Procuradoria Federal de Defesa dos Direitos do Cidadão colocou em matéria o documento: “O acesso de pessoas com deficiência as classes

e escolas comuns da rede regular” reforçando o direito de que a escola é para acesso de todos, e que seu ensino fundamental não pode ser substituído.

Como refere a Convenção da ONU (2006, p. 22):

Sobre os direitos das pessoas com deficiência, de dezembro de 2006, define pessoas com deficiência aquelas que têm impedimentos de natureza física, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade com as demais pessoas.

A deficiência não pode ser compreendida como a expressão da totalidade do indivíduo, mas sim da sua interação e o contexto histórico cultural.

Conforme informações registradas pela Federação Nacional das APAES, em <http://www.apaebrasil.org.br/artigo.phtml?a=27>:

De acordo com o Censo IBGE 2000, o Brasil tem 24,5 milhões de pessoas com deficiência, o que equivale a 14,5% da população do País. Dessas 48,1% foram declaradas deficientes visuais, 22,9% com deficiência motora, 16,7% com deficiência auditiva, 8,3% com deficiência mental e 4,1% com deficiência física.²

Conforme o site da <http://www.apaebrasil.org.br>, a pedido da Federação Nacional das APAES foi realizada uma pesquisa pelo Instituto Qualibest, em 2006, onde mostrou que a APAE é conhecida por 87% dos entrevistados e tida como confiável por 93% deles. Os resultados são significativos e refletem os esforços e as conquistas do Movimento Apaeano na luta pelos direitos das pessoas com deficiência.

²<http://www.apaebrasil.org.br/artigo.phtml?a=2> acesso em 29/10/2012 às 16h11min.

3.COMPREENDENDO A DEFICIÊNCIA INTELECTUALASSOCIADA À SURDEZ

A deficiência intelectual é definida quando uma pessoa apresenta limitações essenciais ao desempenho intelectual, caracteriza-se por funcionamento intelectual significativamente abaixo da média, existindo concomitantemente, com limitações associadas a duas ou mais áreas das habilidades adaptativas a seguir, conforme informações encontradas no site portal.mj.gov.br/corde/arquivos/pps/deficienciaMental.ppt:

- Comunicação; Cuidados pessoais;
- Vida escolar; Habilidades sociais;
- Desempenho na comunidade;
- Independência para locomoção;
- Saúde; Segurança;
- Desempenho; Lazer; Trabalho;
- Manifesta-se antes dos 18 anos.

A dificuldade de diagnosticar uma criança que tenha deficiência intelectual tem fomentado pesquisas e revisões relativas a seu conceito. Os métodos utilizados são as medidas dos coeficientes de inteligência (QI), o qual foi usado como parâmetro para diagnóstico da deficiência por muitos anos. Outra referência é o CID 10 (Código Internacional das Doenças, desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde), ao especificar o Retardo Mental da criança (F70-79), define uma base do coeficiente de inteligência, classificando o mesmo sobre a deficiência, entre leve, moderado, profundo e severo.³

Esta deficiência pode estar associada a outros comprometimentos, como a surdez, por exemplo, podendo ser entendida como a perda total ou parcial da capacidade de condução e identificação das ondas sonoras.

De acordo com Rinaldi (1997), antigamente os surdos/deficientes intelectuais eram considerados incapazes de serem ensinados, eles não frequentavam as escolas.

³portal.mj.gov.br/corde/arquivos/pps/deficienciaMental.pptAcesso em 24/10/2012 às 22h27min.

As pessoas surdas com deficiência intelectual eram excluídas da sociedade, sendo proibidas de casar, possuir ou herdar bens, ou se que viver com as demais pessoas. Assim, sendo privadas de seus direitos básicos ficavam cada vez mais com a própria vivência comprometida.

No século XV, não havia escola para surdos, pessoas ouvintes tentavam ensinar os surdos. Nos séculos seguintes, alguns professores começaram a se dedicar aos surdos. Um pouco antes de 1857, o professor Francês Harnest Huet (surdo), veio ao Brasil, convidado por Dom Pedro II, para fundar a primeira escola para meninos surdos: Imperial Instituto de surdos mudos, hoje, Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), a partir de então mantida pelo Governo Federal. Os surdos brasileiros começaram a frequentar a escola especializada, e tiveram a oportunidade de criar a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). No século XX, aumentou o número de escolas para surdos em todo o mundo. (RINALDI, 1997).

Na busca de propostas educacionais melhores para as pessoas com deficiência auditiva, existem algumas medidas adaptativas que são fundamentais. A unidade do sistema de ensino público devem se adequar a realidade brasileira que consta na Legislação Federal. A adaptação de modificações, recursos, materiais, ou comunicação facilitam o desenvolvimento do aluno com surdez, e consiste em: “criar condições físicas, ambientais e materiais para o aluno, na sua unidade escolar de atendimento” (RINALDI, 1997, p.33).

Esta adaptação pode favorecer o aluno a um processo de aprendizagem com mais melhorias. As adaptações curriculares constituem em um conjunto de modificações realizadas nos objetivos, conteúdos, critérios, avaliações, atividades e metodologias que atendem as diferenças individuais de cada aluno. “A audição é um sentido que funciona sem interrupção, colocando o indivíduo em constante contato com seu meio. Ela é o canal principal para a aquisição da linguagem verbal, e sua importância é evidenciada até a idade adulta” (RINALDI, 1997, p.55).

O objetivo específico da educação especial para o surdo, segundo Van Uden, é desenvolver sua linguagem funcional desde criança, ou seja, é fazê-lo utilizar o instrumento que lhe torne capaz de conversar, favorecendo a própria identidade e o contato com as demais pessoas a sua volta. Quando a surdez está associada a deficiência intelectual este processo torna-se mais dificultoso, pois além da limitação auditiva, o indivíduo ainda apresenta restrições referentes a cognição ou seja, capacidade de processamento do pensamento reduzido.

A aprendizagem é um fenômeno extremamente complexo, onde envolve aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicossociais e culturais. Segundo Rinaldi (1997, p.287) “O processo de aprendizagem é desencadeado a partir da motivação.”

Cabe ao educador proporcionar situações de interação que despertem no educando a motivação de interação com o objeto de conhecimento, com seus colegas e com os próprios professores.

Os recursos educacionais atualmente destinados ao atendimento de alunos excepcionais, que constituem a chamada “educação Especial”, referem-se aos serviços e auxílios especiais cuja finalidade é suplementar, apoiar e, em alguns casos, substituir o ensino em situação comum, de modo a proporcionar a cada educando a possibilidade de atingir níveis de desempenho compatíveis com suas características de aprendizagem. (MAZZOTA, 1993, p. 05)

A linguagem permite ao homem estruturar seus pensamentos, ideias, traduzir o que sente registrar o que tem de conhecimento e comunicar-se com os outros homens. Ela marca ingresso do homem na cultura, fazendo o mesmo construir-se como sujeito capaz de produzir transformações nunca imaginadas. A linguagem é a prova mais clara da inteligência do homem, e tem sido um assunto de pesquisa e discussão. A palavra tem uma importância excepcional no sentido de dar forma a atividade mental e ao fator fundamental de formação da consciência. A surdez congênita e pré-verbal pode na maioria das vezes bloquear o desenvolvimento da linguagem verbal, mas não o impedindo de desenvolver os processos não verbais, segundo informações encontradas no site http://www.inilibras.com.br/materiais/educacaosuperior_parte6.pdf.

Entre os grandes desafios de pesquisadores e professores de alunos surdos, situa-se o de explicar e superar as muitas dificuldades que esses alunos apresentam durante o aprendizado. E sabe-se que quanto mais cedo tenha sido privado a audição e quanto mais profundo for o comprometimento, maiores serão as dificuldades de comunicação, de expressão e aprendizado.

Conforme as palavras de DAMÁZIO (2007, p.13, 14):

As pessoas com surdez enfrentam inúmeras entraves para participar da educação escolar, decorrentes da perda da audição e da forma como se estruturam as propostas educacionais nas escolas. [...] A inclusão do aluno com surdez deve acontecer desde a educação infantil até a educação superior, garantindo-lhe, desde cedo, utilizar os recursos de que necessita

para superar as barreiras no processo educacional e usufruir seus direitos escolares, exercendo sua cidadania, de acordo com os princípios constitucionais do nosso país.

De acordo com Damásio (2007), muitos dos alunos com surdez podem ser prejudicados pela falta de estímulos adequados ao seu desenvolvimento cognitivo, linguístico, político-cultural e sócio afetivo, e com isso ter perdas significativas no desenvolvimento da aprendizagem.

4. ENSINO DA ARTE NAS APAES

A história da arte é fato muito importante e fator essencial no processo de ensino aprendizagem em arte. A arte possibilita momentos de criação, fruição, desenvolvimento, e aprendizado.

Segundo o site Brasil Escola:

A arte é uma forma de o ser humano expressar suas emoções, sua história e sua cultura através de alguns valores estéticos, como beleza, harmonia, equilíbrio. A arte pode ser representada através de várias formas, em especial na música, na escultura, na pintura, no cinema, na dança, entre outras⁴.

Conforme a determinação da LDB (nº 12.287, de 2010) Art.26, § 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. O que avigora a importância da aula de artes também no ensino das APAES.

É preciso compreender a importância do fazer artístico como manifestação da atividade criativa do homem no mundo, para compreender assim a importância da arte na escola. [...] Arte, portanto, é a leitura que o artista faz do mundo que o cerca através de seus sentidos. (FENAPAES, 1999, p.11).

Ao longo da década de 80, houve muita discussão em relação ao ensino da arte, promovida pelos profissionais da área preocupados com a qualidade do ensino da educação básica, assim como a importância do ensino da arte na formação do indivíduo. Foi a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais, elaborados pelo Ministério da Educação, que as variadas redes de ensino começaram a rever as concepções de ensino e modificar seus Projetos Pedagógicos. (FENAPAES, 1999).

Foi neste sentido, que profissionais e professores de arte, que atuam junto às APAES de todo Brasil, se desempenharam em aprofundar o papel da arte na formação dos educandos que faziam parte da comunidade Apaeana. (FENAPAES, 1999).

⁴ Arte. Fonte: <http://www.brasilecola.com/artes/arte.htm> Acesso em: 22/10/2012.

O ensino de Arte objetiva abranger uma série de significações, tais como: o senso estético, a sensibilidade e a criatividade. Por isso, podemos afirmar que a importância da arte na formação de crianças, jovens e adultos, na educação geral e escolar está fortemente ligada à “função indispensável que a arte ocupa na vida das pessoas e na sociedade desde os primórdios da civilização, o que a torna um dos fatores essenciais de humanização” (TIBOLA, apud Ferraz & Ferrari, 1993, p.16)

Assim, conforme a Federação Nacional das APAES (2001, p.18)

[...] as escolas especializadas das APAES, voltadas para o atendimento aos educando portadores de deficiência, não devem perder de vista que todos os alunos têm o direito de acesso ao conhecimento escolar de qualidade, do qual faz parte o conhecimento em Arte.

Em 1954, no Brasil, já tínhamos o conhecimento das atividades artísticas, como a dança, coral, banda rítmica, artes plásticas, mas não de forma sistematizada. Em comemorações sociais ou cívicas essas atividades eram apresentadas para abrilhantar ainda mais os eventos.

A partir da década de 70 há registro de instituições como as APAEs de Santa Barbara D'Oeste, São Luiz do Maranhão entre outras, que deram início a um trabalho denominado educação artística, sistematizando nas áreas de dança, música e artes plásticas. (FENAPAES, 1999, p.08).

Foi na APAE de Santa Barbara D'Oeste que fizeram o primeiro festival da criança excepcional, abordando também o artesanato e a cerâmica. A partir daí surgiu o programa de educação artística, que foi crescendo e foram realizados espetáculos com apresentações de músicas infantil, onde a maioria dos alunos tinha este acesso e então participava dos diferentes gêneros.

No primeiro momento, o desejo de trabalhar arte com alunos portadores de deficiência, surgiu da observação de profissionais que descobriram as potencialidades de seus alunos, e a partir de então, a necessidade de criar oportunidades para estimular este potencial, utilizando a arte como um meio do desenvolvimento individual. No início as atividades de arte-educação era inseridas pros professores interessados pelo assunto, não tinham habilitação na área. (FENAPAES, 1999).

Os recursos para realizar as atividades artísticas sempre foram precários. A maior parte das APAES não dispõem de recursos humanos devidamente

habilitados como professores de artes, músicos, terapeutas, etc; além da falta de espaços físicos e materiais específicos. (FENAPAES, 1999, p.08).

Atualmente o programa de Arte-Educação faz parte do currículo das escolas de todas as escolas especiais, utilizando todas as linguagens e facilitando o desenvolvimento das pessoas com deficiência.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 62-63) “A critério das escolas e respectivos professores, sugere-se que os projetos curriculares se preocupem em variar as formas artísticas propostas ao longo da escolaridade, quando serão trabalhadas Artes Visuais, Dança, Música ou Teatro”.

A produção e a apreciação devem ser os eixos de construção de aprendizagem, ao longo do trabalho nas várias linguagens artísticas.

As artes visuais, além das formas tradicionais — pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, objetos, cerâmica, cestaria, entalhe —, incluem outras modalidades que resultam dos avanços tecnológicos e transformações estéticas do século XX: fotografia, moda, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance, holografia, desenho industrial, arte em computador. Cada uma dessas modalidades artísticas tem a sua particularidade e é utilizada em várias possibilidades de combinações entre elas, por intermédio das quais os alunos podem expressar-se e comunicar-se entre si e com outras pessoas de diferentes maneiras. (BRASIL, 1998, p. 63).

Outra linguagem artística é a dança, que envolve diretamente a comunicação por meio dos movimentos corporais, relacionado à intuição, a imaginação, a emoção, e a capacidade de comunicação, envolvendo a música e contribuindo para o conhecimento de várias culturas e ritmos musicais.

É importante, portanto, que o corpo não seja tratado como “instrumento” ou “veículo” da dança, como comumente se pensa. O corpo é conhecimento, emoção, comunicação, expressão. Ou seja, o corpo somos nós e nós somos o nosso corpo. Portanto, o corpo é a nossa dança e a dança é o nosso corpo. É simples verificar-se, por exemplo, que nossos alunos, graças à imensa variedade de corpos existentes em nossa sociedade, darão “temperos” diferentes às danças criadas quer pelo grupo classe, quer pelo professor ou pela sociedade (no caso dos repertórios das culturas). É esta uma das grandes riquezas e contribuições da dança no processo educacional: a possibilidade de conhecer, reconhecer, articular e imaginar a dança em diferentes corpos, e, portanto, com diferentes maneiras de viver em sociedade. (BRASIL, 1998, p. 73).

Desta forma, a linguagem do teatro é uma forma pela qual o indivíduo se expressa através dos movimentos corporais e da voz para representar personagens e transmitir ao público histórias, ideias e sentimentos. Ao buscar o teatro,

desenvolvemos a imaginação, interpretação de textos, fazendo improvisações e muitas vezes criando situações que fazem parte do cotidiano do indivíduo.

O teatro no espaço escolar deve considerar a cultura dos adolescentes/jovens, propiciando informações que lhes deem melhores condições nas opções culturais e na interpretação dos fatos e das situações da realidade com a qual interagem. O jovem encontra no teatro um espaço de liberdade para se confrontar por meio do diálogo e da representação com questões éticas como justiça e solidariedade. (BRASIL, 1998, p. 89).

A música é outra linguagem que utiliza a melodia, ritmo, letra e instrumento, é um elemento fundamental no sistema educativo, onde o aluno se expressa e é capaz de interagir ativamente na sociedade. Ampliar seu mundo de relações e estabelecer uma comunicação harmoniosa. A música encanta e confiança, por isso quando o professor sabe ser um bom mediador, ele abre caminhos para outras manifestações que podem estar envolvidas a esta linguagem.

Aprender a sentir, expressar e pensar a realidade sonora ao redor do ser humano, que constantemente se modifica nessa rede em que se encontra, auxilia o jovem e o adulto em fase de escolarização básica a desenvolver capacidades, habilidades e competências em música. Construindo sua competência artística nessa linguagem, sabendo comunicar-se e expressar-se musicalmente, o aluno poderá, ao conectar o imaginário e a fantasia aos processos de criação, interpretação e fruição, desenvolver o poético, a dimensão sensível que a música traz ao ser humano. (BRASIL, 1998, p. 80).

O professor deve visar à aprendizagem constante do aluno, buscando sempre propostas inovadoras, explorando novas formas de criações e expressões artísticas. segundo o site <http://proaiseartedeeducar.blogspot.com.br/2012/03/atividades-maternal-e-jardim.html>, também é importante proporcionar a eles a visualização, a exploração, o contato e manuseio de diversos objetos que compõem o universo das artes possibilitando o aluno a identificá-las. Os alunos são investigadores, participativos, sentem necessidade de tocar, de manusear, de ver de perto, de descobrir o mundo que lhes rodeia. Além de possibilitar a ampliação do repertório artístico cultural, o desafio é evidenciar o imagético e a criação, estreitando a relação com os alunos pelo estudo utilizando os meios da arte.

5. METODOLOGIA

Sabe-se que uma pesquisa científica, é uma pesquisa onde devemos desenvolver uma metodologia voltada a muitos pensamentos intelectuais para posteriormente chegarmos a um objetivo. Esta pesquisa deve ser cuidadosamente detalhada e estudada para que haja êxito no seu resultado final. Conforme o autor Zamboni (2006, p.51) “pesquisa é a busca sistemática de soluções, com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a qualquer área do conhecimento humano”. Desta forma, entendemos que pesquisa científica, é caminhar atrás de objetivos que desejamos alcançar. É buscar através de nossa pesquisa, um resultado que resolva nosso problema de partida.

Quanto à pesquisa, tem caráter de natureza básica, e quanto à forma de abordagem uma pesquisa qualitativa.

A investigação qualitativa emprega diferentes alegações de conhecimento, estratégias de investigação e métodos de coleta e análise de dados [...]. Os procedimentos qualitativos se baseiam em dados e usam estratégias diversas de investigação. (CRESWELL, 2007, p.184)

A através da linha de pesquisa do Curso de Artes Visuais – Licenciatura, a pesquisa está pautada na área de Educação e Arte que aborda a linguagem artística e sua relação com a prática pedagógica.

Do ponto de vista dos meus objetivos, classifico minha pesquisa como exploratória-descritiva. “A exploratória é sem dúvidas um dos momentos mais importantes da pesquisa.”(MINAYO, 2004, p.32).

E Conforme GIL (1994, p. 44)“as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com vistas na formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis.”

Gil (1994, p.45) também traz sua colocação sobre pesquisa descritiva:

As pesquisas deste tipo tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. [...] uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados.

O estudo foi realizado em cinco Escolas Especiais/ APAES da Associação dos Municípios da Região Carbonífera (AMREC).

Para coleta de dados envolvemos ao todo cinco professores do Ensino Especial que lecionam a disciplina de artes e que trabalham com aluno surdos/deficiência intelectual. A cada participante foi entregue um termo de consentimento (modelo em anexo), na qual o mesmo autorizou a publicação de suas respostas.

O instrumento utilizado foi um questionário (roteiro em anexo). De acordo com BELLO (2004), o questionário, numa pesquisa, é um instrumento ou programa de coleta de dados. Se sua confecção é feita pelo pesquisador, seu preenchimento é realizado pelo informante. O questionário foi organizado com perguntas abertas e fechadas, objetivando compreender a proposta de ensino utilizada pelos professores de artes para com os alunos surdos/deficiência intelectual que frequentam as Escolas Especiais/ APAES dos municípios pertencentes à AMREC.

Os dados coletados por meio de questionários foram analisados de acordo com o referencial proposto e após, procedemos à elaboração das conclusões que finalizam este trabalho.

6. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Atualmente são nove Escolas Especiais/ APAEs que existem em cada município, estes pertencentes a Associação dos Municípios da Região Carbonífera (AMREC), sendo elas: Cocal do Sul, Morro da Fumaça, Urussanga, Forquilha, Criciúma, Içara, Siderópolis, Lauro Muller e Nova Veneza.

A pesquisa foi realizada no segundo semestre de 2012, com somente cinco Escolas Especiais/ APAEs, da Associação dos Municípios da Região Carbonífera (AMREC), que possuem alunos surdos com deficiência intelectual matriculados e frequentando a escola especial.

Para coleta de dados aplicamos um questionário aos professores que lecionam a disciplina de artes, e que trabalham com aluno surdo associado à deficiência intelectual, nas Escolas Especiais/ APAES. Foram cinco professores envolvidos com esta temática.

A cada participante foi entregue um questionário para traçar o perfil do aluno surdo com deficiência intelectual que frequenta a Escola Especial/APAE, identificando a turma, idade dos alunos, tempo em que frequenta a escola, e diagnóstico de deficiência. Também para identificar a formação do professor, a participação em cursos de atualização, tempo de serviço no magistério e a escola atuante. Os professores foram questionados sobre o recebimento de orientações para trabalhar o ensino da arte com os alunos surdos/deficiência intelectual; como estabelecem a comunicação com esses alunos; sobre entendimento e produção artística do aluno; qual espaço ele utiliza para ensinar arte, e por fim, quais as dificuldades encontradas pelos professores para o aprimoramento do trabalho pedagógico em artes na Escola Especial/APAE. Os dados coletados foram tabulados por semelhança para facilitar organização e análise.

Para efeitos de sigilo, os alunos surdos com deficiência intelectual serão denominados, nesse estudo como A1, A2, A3, respectivamente. E os professores que lecionam nessas escolas especiais, como P1, P2, P3, respectivamente.

Quanto ao perfil dos alunos surdos com deficiência intelectual, é possível perceber que os mesmos possuem idade igual ou superior de 16 a 52 anos de idade, os mesmos recebem aulas de artes semanalmente e frequentam as seguintes turmas: (Tabela 1)

Tabela 1: Turmas que os alunos surdos com deficiência intelectual frequentam:

Turma:	Alunos	Frequência
Oficina Terapêutica Protegida	A1,	1/5
Serviço Pedagógico Específico (Ocupacional)	A2, A3, A4	3/5
TID	A5	1/5

Os alunos portadores de necessidades especiais que frequentam a escola especial/APAE recebem semanalmente aulas de artes, onde durante o período de aprendizagem o aluno conhece e se expressa através das diversas linguagens artísticas, tendo em vista a motivação e estimulação do aluno especial.

Sobre tudo, conforme diz Tibola (2001, p.50), “as atividades propostas na área de Arte, nas suas várias linguagens, devem garantir e ajudar os alunos a desenvolver modos imaginativos e criadores de fazer e de pensar sobre arte, exercitando seus modos de expressão e comunicação.”

Conforme o perfil dos alunos surdos/ deficiência intelectual, os mesmos possuem dois diagnósticos, o de surdez e deficiência intelectual.

Tabela 2: Diagnóstico de deficiência

Diagnóstico	Alunos	Frequência
Deficiência Intelectual Moderada/ surdez	A1	1/5
Deficiência Intelectual Severa/ surdez	A2, A5	2/5
Deficiência Intelectual Severa/ Def. Auditiva	A3, A4	2/5

A deficiência intelectual, não pode ser confundida, com doenças mentais, como distúrbios emocionais, psicoses, etc. Nem tampouco com problemas de aprendizagem.

Conforme o caderno da TV ESCOLA, (1998, p.10), “o diagnóstico de aluno com deficiência mental, a ser realizado por um médico ou psicólogo e por um pedagogo, deve levar em consideração o momento da vida, bem como a diversidade cultural, linguística e socioeconômica da pessoa”.

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), uma criança é diagnosticada surda quando não percebe o som nem mesmo com ajuda de

amplificadores. Por outro lado a Conferencia Executiva da Escola Americana para os Surdos afirma que: “Indivíduo cuja incapacidade auditiva impossibilita o processamento da informação pela audição” (GONZALEZ, 2007, p.120).

Quanto aos professores que lecionam ardenas Escolas Especiais/ APAES, da Associação dos Municípios da Região Carbonífera (AMREC), também foi pesquisado quanto a sua formação, tempo de serviço do magistério, e que leciona escola especial, curso de formação continuada que fez nos últimos anos, entre outras.

De acordo com o questionário, os professores envolvidos demonstram ter ou estar em busca de uma graduação na área de artes. (Tabela 3)

Tabela 3: Formação dos professores

Formação	Professoras	Frequência
Magistério e Curso Superior Incompleto de arte	P2	1/5
Curso Superior Completo de arte	P4	1/5
Curso Superior Incompleto de arte	P3,	1/5
Curso Superior Completo e Pós Graduação de arte	P1	1/5
Curso Superior Incompleto de pedagogia	P5	1/5

Os professores envolvidos demonstram possuir boa formação pedagógica, ou estar em busca, com atualização constante, além de experiência no magistério, o que lhe confere condição para poder participar desta pesquisa. Dentre os professores pesquisados, um está se graduando em Pedagogia, e as demais estão de acordo com a área de habilitação de artes.

Conforme os questionários, os professores possuem experiência no magistério que variaram de 08 (oito) meses a 10 (dez) anos. E, quanto ao tempo de serviço em escola especial, houve uma variação de 09 (nove) meses a 10 (dez) anos. Neste questionamento ficou evidente que a maioria dos professores, está contratada em caráter temporário. (Tabela 4)

Tabela 4: ACT ou Efetivo

Situação atual	Alunos	Frequência
-----------------------	---------------	-------------------

ACT	P2, P3, P4, P5	4/5
Efetivo	P1	1/5

É importante deixar claro, que professores contratados, no próximo ano poderão estar ou não trabalhando na mesma escola especial e que para eles, além de ser uma angústia por não saber onde irão trabalhar, é também difícil de dar continuidade aos projetos da própria unidade escolar. Entretanto, somente 01 (uma) professora de artes respondeu que recebeu orientação para trabalhar com o aluno surdo/Deficiência intelectual ao iniciar na APAE, e 04 (quatro) professores ficaram a mercê da própria sorte, ou do que havia aprendido na graduação, o que gera dificuldades de aprendizado e de desenvolvimento para com o educando surdo/Deficiência intelectual.

Os professores relataram que participam de formação continuada e que nos últimos anos, realizaram de 01 (um) a 05 (cinco) cursos na área educacional.

A formação continuada do professor deve ser um compromisso dos sistemas de ensino comprometidos com a qualidade do ensino que, nessa perspectiva, devem assegurar que sejam aptos a elaborar e implantar novas propostas e práticas de ensino para as características de seus alunos, incluindo aquelas evidenciadas pelos alunos com necessidades educacionais especiais. (Mantoan, 2006, p. 57).

Nesse contexto, a formação de professores da educação especial é tema de destacado valor, no sentido em que o espaço da sala de aula precisa ganhar vida, gerar aprendizagens significativas para o desenvolvimento de alunos surdos e com deficiência intelectual, que além da dificuldade cognitiva, enfrentam a barreira da comunicação.

Pensando nisso, um dos principais questionamentos, foi de como estabelecem comunicação com os alunos surdos/deficiente intelectual. (Tabela 5)

Tabela 5: Comunicação estabelecida com o aluno surdo e professor do ensino de arte na Escola Especial

Formas de comunicação	Professor	Frequência
Comunicação alternativa	P3, P2, P5	3/5
Desenho	P1, P2	2/5
Gestos	P4, P1, P2, P5	4/5

Leitura labial	P4	1/5
----------------	----	-----

Enfocando a comunicação que o professor estabelece com os alunos surdos com deficiência intelectual, percebe-se que se utilizam de diferentes alternativas, a fim de levar o aluno a compreensão do que está sendo ensinado nas aulas de arte. Porém, não apareceu nenhuma alternativa assinalada de que o professor se comunica com a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Porque nenhum professor utiliza esta língua? A língua de sinais estabelece um papel cada vez mais importante na vida dos surdos, pois é a sua língua materna.

De acordo com a lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 em seu artigo 1º, LIBRAS “é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados”. (BRASIL, 2002)

Quadros (1997, p. 46 -47), nos diz que LIBRAS:

Tais línguas são naturais internamente e externamente, pois refletem a capacidade psicobiológica humana para a linguagem e porque surgiram da mesma forma que as línguas orais – da necessidade específica e natural dos seres humanos de usarem um sistema linguístico para expressar ideias, sentimentos e ações. As línguas de sinais são sistemas linguísticos que passaram de geração em geração de pessoas surdas, são línguas naturais que se desenvolvem no meio em que vive a comunidade surda.

O desenvolvimento cognitivo é visto em estreita relação com o desenvolvimento social e comunicativo. Além disso, as pessoas surdas não deveriam ser privadas de linguagem.

Os próprios teóricos dizem que as crianças que adquiriram a língua de sinais desde pequenas têm um modo mais reflexivo de enfrentar os problemas do que as crianças surdas que presenciaram apenas a linguagem oral, gestos sem um significado, não conseguem compreender o que lhes é dito depois de adulto. E se pensarmos nos alunos surdos/deficiente intelectual, das escolas especiais que participaram desta pesquisa, percebe-se que sua maioria são adultos e não conseguem estabelecer comunicação em LIBRAS com professores e familiares, estes alunos na sua infância não foram ensinados através desta língua – LIBRAS.

A educação dos alunos surdos com deficiência intelectual supõe um conjunto de decisões ao longo do processo de ensino, particularmente importantes,

como a comunicação em LIBRAS, adaptações curriculares e o próprio processo de escolarização que se tem nas escolas especiais.

Os professores envolvidos nesta pesquisa relatam ainda que os alunos surdos com deficiência intelectual tem com bastante frequência, dificuldade em para ter iniciativas própria nas produções artísticas propostas. A maioria dos deficientes mentais que frequentam as APAES possui idade avançada, não se sentindo estimulados e muitas vezes não entendendo a comunicação estabelecida, acabam copiando do colega a atividade proposta.

Para confirmar, a maioria dos professores pesquisados respondeu que os alunos surdos com deficiência intelectual fazem cópias das produções artísticas realizadas por outros colegas durante as aulas de arte.

Penso que como professora de arte, o aluno quando faz cópia do trabalho do colega ou é porque ele não entendeu o que foi proposto ou porque ele pode ter auto estima baixa, insegurança, medo da própria produção, opinião, etc, e acaba por fazer copia do colega. Então, percebo que podem ser vários os motivos da copia.

Os professores colocaram que utilizam diferentes linguagens para ensinar arte na escola especial. (Tabela 6)

Tabela 6: Diferentes linguagens para ensinar arte na APAE

Diferentes linguagens Artísticas	Professor	Frequência
Cênica	P1, P4, P2	3/5
Artes Visuais	P1,P4,P2,P3, P5	5/5
Musica	P4,P2	2/5
Dança	P2, P3	2/5

Conforme o PCN de Arte (1998), a critério das escolas e respectivos professores, sugere-se que os projetos curriculares se preocupem em variar as formas artísticas propostas ao longo da escolaridade, quando serão trabalhadas Artes Visuais, Dança, Música ou Teatro.

Contraopondo as respostas dos professores fica evidente na tabela 06, que dois professores trabalham a música comos alunos surdos/deficiência intelectual. Ao analisar as falas dos professores fica a minha indagação: Como se trabalha a linguagem musical com um aluno surdo/deficiência intelectual, sem utilizar a Língua de Sinais?

“As mãos rompem o silêncio e fazem a comunicação de quem não ouve, mas vê, sente e se emociona⁵”.

Os professores também foram questionados quanto ao espaço físico que utilizam para ensinar arte na escola especial. (Tabela 7)

Tabela 7: Espaço utilizado para ensinar arte

Diferentes Espaços	Professor	Frequência
Sala de Artes	P2,P3, P4, P5, P1	5/5
Ginásio	P1	1/5
Sala de aula	P3	1/5
Pátio	P2, P3	2/5

A sala de aula é o espaço privilegiado quando pensamos em escola, em aprendizagem. Esta nos remete a um professor de arte, na nossa frente, alunos sentados olhando para o professor, uma mesa e um quadro. Antes o professor se restringia ao espaço da sala de aula. Agora precisa aprender a gerenciar também atividades em diferentes espaços, otimizando o tempo de estada em sala de aula e incrementando as aulas de artes para proporcionar aos surdos/deficiência intelectual, aprendizagem através de diferentes linguagens artísticas.(<http://www.eca.usp.br/moran/espacos.htm>. José Manuel Moran, 2007).

Falando em diferentes linguagens artísticas, os professores foram questionados, se propiciavam outras atividades aos seus alunos surdos/deficiência intelectual e os professores foram unânimes em dizer que oferecem o artesanato, a pintura em tela, a colagem, a releitura e o teatro. Responderam também que as escolas disponibilizam os recursos pedagógicos necessários para trabalhar arte com os alunos surdos/deficiência intelectual, visando o ensino e aprendizagem de todos que da escola especial fazem parte.

Sobre as atividades que propiciam aos alunos surdos/deficiência intelectual, os professores disseram que nem sempre fazem adaptações. (Tabela 8)

Tabela 8: Atividades adaptada para o aluno surdo com deficiência intelectual

Adaptação nas atividades	Professor	Frequência
--------------------------	-----------	------------

⁵<http://mundodosilencio.blogspot.com.br/2010/01/surdodum.html> acesso em 10/11/2012 às 11 horas 11 minutos.

Adaptada	P2	1/5
Igual para todos	P1, P4, P5	3/5
As vezes adaptadas (depende a proposta)	P3, P4	2/5

Sabe-se que os professores devem criar materiais alternativos, adaptar materiais pedagógicos, utilizar-se da tecnologia assistiva, são meios que permitem aos alunos surdos/deficiência intelectual, expressar e participar, permitindo uma maior interação social com os colegas de turma da escola especial, sem ter que fazer cópias dos colegas, mas realmente entender que a atividade proposta, deverá ser criada pelo próprio aluno, explorando sua criatividade e visando sua autonomia enquanto ser humano.

No tocante da questão sobre a maior dificuldade que os professores encontraram ao trabalhar arte com os alunos surdos/deficiência intelectual, todos responderam a falta de comunicação, como principal problema estabelecido para a aprendizagem e interação contínua do aluno.

Os alunos surdos com deficiência intelectual têm que aprender elementos comunicativos de forma espontânea, para que possam estabelecer interação com toda a comunidade escolar, visando à compreensão de atividades não somente do ensino arte, mas de tudo que o cerca, dando atenção aos elementos relacionados à expressão facial e corporal, com ênfase aos procedimentos de aprendizagem, e não tanto à acumulação de informação, pois pelo fato de possuírem deficiência intelectual terão dificuldade de reter o conhecimento, mas isso não os impede de expressarem seus desejos, sua criatividade e principalmente, a vontade de aprender.

7. PROJETO DE CURSO

TÍTULO: O aluno surdo com deficiência intelectual, no olhar dos professores de arte das escolas especiais.

INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

A arte nos faz conhecer os nossos sentimentos, bem como nosso corpo e mente, podendo nos expressar, nos utilizando das linguagens artísticas, para obter a fruição, além de propor e oportunizar aos alunos um olhar sensível e também crítico sobre a arte.

Após a análise de dados, percebi uma carência dos professores relacionada a formações continuadas, falta de informações necessárias ao iniciarem na escola especial, orientações de como se trabalhar com o aluno surdo/def. intelectual, o que podem trabalhar, quais suas limitações, tipos de comunicação, propostas de atividade, adaptações, entre outras questões relacionada à surdez/deficiência intelectual nas aulas de artes.

Sendo assim, proponho para as professoras de artes que lecionam nas escolas especiais de todo município da AMREC, uma palestra e oficina, que será ministrada pela professora que atualmente leciona a disciplina de Fundamentos e Metodologias da Educação Inclusiva e LIBRAS, Simone Feltrin das Graças, que é graduada em Pedagogia - Educação em Especial, Pós-graduada em Metodologia Interdisciplinar de Ensino, e Mestranda em Educação. A professora trará dicas, orientações e informações sobre o trabalho com o aluno surdo na escola especial.

OBJETIVO GERAL

- Possibilitar aos professores de arte que lecionam nas escolas especiais, diferentes estratégias de como trabalhar com os alunos surdos, contribuindo para um melhor ensino e aprendizado do educando que frequenta a escola especial.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Realizar experiências estéticas com as diversas linguagens de arte.
- Compreender a importância das diferentes linguagens artísticas na Educação Especial.
- Estabelecer informações básicas de como trabalhar com o aluno surdo na educação especial
- Orientar sobre o aluno surdo na escola especial, enfatizando atitudes, dificuldades e aprendizagem.
- Possibilitar materiais variados para confecção de atividades voltadas ao aluno surdo/deficiente intelectual.
- Estimular a comunicação entre professor e aluno surdo.

Proposta de carga horária:

15h/a - **Teóricas:** 10h/a - **Práticas:** 5h/a.

Público alvo:

Professores de Artes que trabalham com Educação Especial.

EMENTA:ARTE, EDUCAÇÃO ESPECIAL, LIBRAS, COMUNICAÇÃO.

METODOLOGIA

A palestra e oficina serão realizadas em uma das escolas especiais, com os professores que lecionam arte. Em primeiro momento será realizada a parte teórica, no qual a palestrante Simone irá se apresentar falando um pouco sobre suas experiências, sua formação, seu trabalho, em seguida, falará sobre atividades adaptadas para inclusão do aluno surdo nas propostas aplicadas, sobre meios de comunicação estabelecida entre professor e aluno, como trabalhar as linguagens artísticas, falará sobre os materiais alternativos que podem ser utilizados, entre outras questões. Após as orientações e informações ministradas, será proposto um momento de reflexão e debate entre os professores e a palestrante referente ao

assunto, com socialização de materiais, livros e questionamentos para esclarecimento de dúvida, proporcionando uma troca de saberes.

Em segundo momento acontecerá o dia da oficina, as professoras serão provocadas a elaborarem propostas que seja voltada ao aluno surdo com deficiência intelectual, valorizando ainda mais a participação do mesmo diante da proposta. Em seguida, será feito a socialização das propostas e debate, contribuindo para elaboração de diferentes estratégias que possam ser aplicadas no cotidiano da escola especial. Para finalizar, será elaborado em conjunto, um pequeno livro com os assuntos e as imagens das propostas abordadas, servindo então para uma futura fonte de pesquisa para professores e alunos, favorecendo o maior acervo de material para pesquisa referente ao assunto, já que as publicações são tão escassas.

Referências

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado: Pessoa com surdez.** Brasília/DF: SEESP/SEED/MEC, 2007.

Federação Nacional das APAE (FENAPAES). **Manual de arte educação: Uma dinâmica para o desenvolvimento.** – Brasília, 1999.

MAZZOTA, Marcos José da Silveira. **Trabalho docente e formação de professores de educação especial.** São Paulo: EPU, 1993.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997

RINALDI, Giuseppe. et al (org) Brasil, Secretaria de Educação Especial. **A Educação dos surdos.** Brasília: MEC/SEESP, 1997.

TIBOLA, Ivanilde Maria; **Arte, cultura, educação e trabalho.** Brasília, DF: Federação Nacional da APAEs, 2001.

8. CONCLUSÃO

No decorrer dessa pesquisa algumas dificuldades e desafios foram encontrados, passando por várias fases até chegar a conclusão. Durante o processo constatamos que quando a surdez está associada à deficiência intelectual, o processo de aprendizagem, torna-se ainda mais difícil, pois além da limitação auditiva, o indivíduo ainda apresenta restrições referentes à cognição, ou seja, capacidade reduzida de processamento do pensamento.

Percebemos a falta de referencial teórico, na área de educação especial, é muito restrito, precisa haver mais pesquisa e publicações voltadas a esta temática.

Por meio da pesquisa identificamos que deve haver cursos de formação continuada, especificamente em educação especial, para que os professores possam trabalhar com os alunos com de deficiência múltipla, não somente na escola especial, mas também no ensino regular, já que a inclusão no ensino regular, hoje é fato.

Com a realização desta pesquisa podemos perceber que as cinco professoras que participaram respondendo os questionários se empenham pedagogicamente para trabalhar com os alunos surdos/deficiência intelectual, tendo como dificuldade maior, à comunicação.

Nesse sentido as falas dos professores corroboram com o meu pensamento, que como professora do ensino de arte para uma aluna com surdez associada à deficiência intelectual, na escola especial, é mesma dificuldade, estabelecer comunicação, fazer com que os alunos surdos com deficiência intelectual compreendam a proposta de atividade.

Outra questão que conseguimos verificar foi que os alunos surdos/deficiência intelectual, de acordo com as falas dos professores, não têm iniciativa própriaas vezes de correntes de baixa estima, opiniões e conceitos individuais não aceitos, que acabam bloqueando a criação do aluno, mas os professores poderiam criar uma rotina de imagens especificamente para as aulas de arte, onde mostre a rotina do aluno na escola, como banheiro, hora do lanche, aula de artes, para que os alunos possam produzir artisticamente sem fazer cópia do colega e seja incentivado a perceber o mundo da sua maneira. É possível trabalhar

arte nas APAES com alunos com deficiência múltipla, pois os mesmos são criativos, basta que saibamos proporcionar atividades para que possam expressar-se artisticamente.

Sabemos que a arte tem um papel importante na vida das pessoas com deficiência, contribuindo constantemente no processo de desenvolvimento social, cognitivo e expressivo. Para tanto, cabe aos professores de arte oportunizar as pessoas com deficiência, o desenvolvimento de sua percepção visual, estética, motora, criativa e expressiva.

A realização desta pesquisa foi uma experiência incrível, tanto profissional como pessoal, com ela podemos perceber que o ensino de arte para com os alunos surdos com deficiência intelectual enfrentam barreira na absorção deste conhecimento, em relação aos indivíduos que só tem surdez e não possuem deficiência intelectual. É importante deixar claro, que na escola especial, os alunos possuem idade avançada, por isso esta aprendizagem se torna mais dificultosa. Outro fator, é que as Escolas Especiais ainda não tem disponíveis, professor específico que ensine LIBRAS, contudo, nem o aluno e nem o professor da sala acabam tendo conhecimento desta linguagem, que seria tão bem-vinda como meio de comunicação e aprendizagem dos alunos surdos com deficiência intelectual.

REFERÊNCIAS

BELLO, José Luiz de Paiva. **Metodologia Científica: Pedagogia em foco**. Rio de Janeiro, 2004. www.pedagogiaemfoco.pro.br/met00.htm

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamenta. **Parâmetros Curriculares Nacionais : arte**. Brasília : MEC / SEF, 1998.

Caderno da TV Escola . Educação Especial. **Deficiência Mental. Deficiência Física**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação a Distância. 1998.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos**. Trad. de Luciana de O. Da Rocha. 2.Ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado: Pessoa com surdez**. Brasília/DF: SEESP/SEED/MEC, 2007.

Federação Nacional das APAE (FENAPAES). **Manual de arte educação: Uma dinâmica para o desenvolvimento**. Brasília, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GONZALÉZ, Eugenio. **Necessidades educacionais específicas**. Tradução Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Inclusão Escolar: Pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2006.

MAZZOTA, Marcos José da Silveira. **Trabalho docente e formação de professores de educação especial**. São Paulo: EPU, 1993.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

QUADROS. Ronice Muller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

RINALDI, Giuseppe. et. al (org) **Brasil, Secretaria de Educação Especial. A Educação dos surdos**. Brasília: MEC/SEESP, 1997.

SANTA CATARINA (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Política de Educação Especial de Santa Catarina**: Coordenador Sergio Otavio Bassetti. São José: FCEE, 2009.

TIBOLA, Ivanilde Maria. **Arte, cultura, educação e trabalho**. Brasília, DF: Federação Nacional da APAEs, 2001.

ZAMBONI, Silvio. **A Pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. 3 ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

Rede APAE e sua história. Disponível em <<http://www.apaebrasil.org.br/artigo.phtml?a=2>> Acessado em 29/10/2012.

Lei nº 12.287 (2010) Art.26;Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-2010/2010/Lei/L12287.htm acesso em 20/10/2012

Lei nº 4.024/61 Art 88; Disponível em SANTA CATARINA (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Política de Educação Especial de Santa Catarina**: Coordenador Sergio Otavio Bassetti. São José: FCEE, 2009.

Decreto nº 692, (1963); Disponível em:SANTA CATARINA (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Política de Educação Especial de Santa Catarina**: Coordenador Sergio Otavio Bassetti. São José: FCEE, 2009.

Lei nº 4.394 (1969) Artigo 91;Disponível em:SANTA CATARINA (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Política de Educação Especial de Santa Catarina**: Coordenador Sergio Otavio Bassetti. São José: FCEE, 2009.

Lei nº 5.692/71, (1971) art. 9º;Disponível em:SANTA CATARINA (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Política de Educação Especial de Santa Catarina**: Coordenador Sergio Otavio Bassetti. São José: FCEE, 2009.

Resolução nº 06/84; Disponível em:SANTA CATARINA (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Política de Educação Especial de Santa Catarina**: Coordenador Sergio Otavio Bassetti. São José: FCEE, 2009.

VAN UDEN: Disponível em:RINALDI, Giuseppe. et. al (org) **Brasil, Secretaria de Educação Especial. A Educação dos surdos**. Brasília: MEC/SEESP, 1997.

Convenção da ONU (2006); Disponível em:SANTA CATARINA (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Política de Educação Especial de Santa Catarina**: Coordenador Sergio Otavio Bassetti. São José: FCEE, 2009.

Lei 10.436; Disponível em:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A –Carta de apresentação Diretora:

Ilm^a Sr^a

Diretora

Município - SC

Criciúma, 24 de setembro de 2012.

Prezada Diretora,

Está previsto na Matriz Curricular do Curso de Licenciatura de Artes Visuais da UNESC, a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

Neste sentido, solicitamos sua autorização para que a acadêmica **Mariane NolaGuidarini**, da 8ª fase, do Curso de Artes Visuais da UNESC, possa coletar dados referentes ao seu TCC que tem como tema: Ensino da Arte para o aluno surdo com deficiência intelectual nas Escolas Especiais/APAES da AMREC.

Informamos, outro assim, que será mantida a ética da pesquisa, resguardando o nome da Instituição e dos participantes. Exceto aqueles que autorizem a sua identificação.

Agradecemos sua receptividade e colaboração neste trabalho, contribuindo assim na profissionalização destes estudantes, futuros agentes de mudança de nossa educação.

Sem mais, colocamo-nos à vossa disposição na Universidade ou outros contatos, conforme segue: Celular do Professora\Orientadora (48) 99567518, E-mail: simonefeltrin@unesc.net

Sendo o que tínhamos para o momento, agradecemos antecipadamente.

Simone Das Graças Nogueira Feltrin

Professora Orientadora de TCC

APÊNDICE B - Autorização dos professores para o uso das falas



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO ARTES VISUAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Sob o título Ensino da Arte para o aluno surdo com deficiência intelectual nas Escolas Especiais/APAES da AMREC, esta pesquisa culminará na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso, a partir de questionários com professores que lecionam Arte para alunos surdos com deficiência intelectual, nas Escolas Especiais/APAE da AMREC, coletando assim, dados e informações a cerca da experiência destes sujeitos.

Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma expressão oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa participante da pesquisa.

A pesquisadora responsável é a acadêmica Mariane NolaGuidarini, matriculada no curso de Artes Visuais, da UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE-UNESC, orientanda da professora Simone Das Graças Nogueira Feltrin, da mesma instituição. Os envolvidos se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone 99567518 e ou e-mail simonefeltrin@unescc.net.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu _____, RG n.º _____

declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada no Curso de Artes Visuais da Universidade UNESC, desenvolvida pela acadêmica Mariane NolaGuidarini, para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências em outras pesquisas e publicações ficando vinculado o controle das informações a

cargo desta acadêmica da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC.

() Solicito que seja resguardada minha identificação

() Desejo que a autoria de meus depoimentos seja referida

Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração.

_____,/..... de 2012.

Participante da pesquisa Pesquisadora

ANEXO(S)

Anexo A – Questionário aplicado aos professores



UNESC UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO: ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

PESQUISADORA: Mariane Nola Guidarini

PROFESSORA ORIENTADORA: Simone das Graças N. Feltrin

TÍTULO DA PESQUISA: O ensino da arte para o aluno surdo/Def. Intelectual nas Escolas Especiais/APAES da AMREC.

MOTIVO DA PESQUISA: Elaboração TCC

OBJETIVO DA PESQUISA: Compreender qual a proposta de ensino utilizada pelos professores de artes para com os alunos surdos/ def. Intelectual que frequentam as escolas especiais/APAES dos municípios pertencentes da AMREC.

OBSERVAÇÃO: O nome dos professores entrevistados será mantido em total sigilo, pois os dados serão trabalhados no seu conjunto.

PERFIL DOS ALUNOS

1. Escola: _____
2. Turma: _____
3. Idade do aluno surdo: _____
4. A quanto tempo frequenta escola especial: _____
5. Diagnostico de deficiência (laudo de acordo com o prontuário do aluno na escola)
 Mental Moderada Severa Profunda
6. Além da deficiência mental qual o outro tipo de deficiência: (de acordo com a audiometria)
 Surdez Deficiência auditiva
7. Este aluno, que possui surdez, tem aulas de arte?
 Sim Não



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO: ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

PESQUISADORA: Mariane Nola Guidarini

PROFESSORA ORIENTADORA: Simone das Graças N. Feltrin

TÍTULO DA PESQUISA: o ensino da arte para o aluno surdo/ Def. Intelectual nas APAES da AMREC.

MOTIVO DA PESQUISA: Elaboração TCC

OBJETIVO DA PESQUISA: Compreender qual a proposta de ensino utilizada pelos professores de artes para com os alunos surdos/ def. Intelectual que frequentam as escolas especiais/APAES dos municípios pertencentes da AMREC.

OBSERVAÇÃO: O nome dos professores entrevistados será mantido em total sigilo, pois os dados serão trabalhados no seu conjunto.

PERFIL DO PROFESSOR

1. IDENTIFICAÇÃO

a) FORMAÇÃO:

() Magistério

() Curso superior incompleto. Qual _____

() Curso superior completo. Qual _____

() Pós graduação. Qual _____

() Mestrado. Área _____

() Outro. Qual _____

b) TEMPO DE SERVIÇO NO MAGISTÉRIO:

() Meses. Quantos _____

() De 01 a 05 anos;

() De 06 a 10 anos;

- () De 11 a 20 anos;
- () 21 anos ou mais;

c) TEMPO DE SERVIÇO NESTA ESCOLA:

- () Meses. Quantos _____
- () De 01 a 05 anos;
- () De 06 a 10 anos;
- () De 11 a 20 anos;
- () 21 anos ou mais;

d) CURSOS DE FORMAÇÃO CONTINUADA QUE VOCÊ FEZ NO ÚLTIMO ANO:

- () Nenhum
- () 01 á 02 cursos
- () 03 á 05 cursos

e) Você é efetiva ou ACT nesta APAE?

- () Efetiva () ACT

QUESTIONARIO AOS PROFESSORES DE ARTE

1. Você recebeu alguma orientação de como trabalhar o ensino de arte com o aluno surdo na APAE?

2. Quanto tempo trabalha com a disciplina de arte na escola especial?

3. Como você estabelece comunicação com o seu aluno surdo/ Def. Intelectual da escola especial:

- LIBRAS - Língua Brasileira De Sinais
- Comunicação alternativa
- Oralisa (fala)
- Escrita
- Leitura labial
- Desenho
- Gestos
- Não estabelece comunicação

4. Este aluno tem iniciativa própria para produções artísticas?

- Sim Não

5. Faz copia das produções artísticas dos colegas?

- Sim Não

6. O aluno surdo/ Def. Intelectual entende a proposta da atividade artística que você proporciona para a turma?

- Sim Não

7. Quais as diferentes linguagens que você utiliza para ensinar arte com o aluno surdo/Def. Intelectual:

- Cênica
- Artes Visuais
- Música
- Dança

8. Para ensinar arte para seu aluno surdo/Def. Intelectual, que espaço você utiliza:

- Sala de Arte ginásio sala de aula pátio quadra de esportes

9. Escreva que outras atividades artísticas você propicia ao seu aluno surdo/Def. Intelectual da escola especial: (artesanato, pintura em tela, etc).

10. Qual sua maior dificuldade para trabalhar arte com seu aluno Intelectualna escola especial?

11. Na sua escola especial tem materiais pedagógicos (tinta óleo, tela, pincel, cola, livros, lápis de cor, pinta guache...) para trabalhar o ensino de arte com o aluno surdo/Def. Intelectual?

12. As atividades artísticas propostas ao aluno surdo/ Def. Intelectual é igual a do restante da turma ou é adaptada?
